

## A União ainda faz a força?

**GEOPOLÍTICA** | Como se articulou e como funciona a integração da Europa e por que o Reino Unido se opõe ao esforço pró-continente de alemães e franceses

**POR EDILSON ADÃO CÂNDIDO DA SILVA**, MESTRE EM GEOGRAFIA HUMANA PELA USP, PROFESSOR DO CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DAS FACULDADES ESAMC E DO OBJETIVO DE SANTOS E SOROCABA



GERAY PENNYA/FP

**A** vitória dos conservadores nas eleições de maio e o consequente retorno ao poder na Grã-Bretanha, depois de 13 anos, reacquecem o debate em torno da tradicional reticência britânica em relação à unificação da Europa, a “Casa Europeia”, velho sonho desde Napoleão. Os *tories*, como são conhecidos os membros do Partido Conservador Unionista, têm uma histórica postura de objeções ao processo de unidade.

Tal hesitação encontra raízes nos primeiros passos da integração, na

transição dos anos 1940 para os 1950. Quando percebeu que os europeus levariam adiante a construção de uma entidade europeia sem o Reino Unido, um representante londrino interpelou Jean Monnet, o arquiteto da integração, questionando-o se o consórcio franco-germânico ousaria encaminhar um processo de comunidade europeia sem a presença da Grã-Bretanha. Resposta de Monnet: “Desejo de todo coração que os senhores se engajem no empreendimento desde o início. Mas, se não o fizerem, conduziremos o processo mesmo sem os senhores, e estou convencido que com o vosso realismo mu-

**Além das vantagens econômicas, a união entre países europeus visava o fim das guerras entre os Estados membros**

**Maastricht.** O tratado de 1992 teve participação decisiva de John Major (esq.) e François Mitterrand (dir.)

darão de ideia e se adaptarão à realidade ao constatar que obtivemos êxito". A história tratou de dar razão a Monnet.

A característica mais marcante da Europa pós-Segunda Guerra Mundial era o desejo de integrar seus países e acabar com os regimes totalitários. O objetivo inicial era evitar novas guerras – uma vez que o continente esteve em guerra desde sempre. Nesse sentido, a experiência parece ter dado certo. Os europeus estão há mais de meio século sem guerra, com exceção, é claro, dos Balcãs, que estão fora da esfera da comunidade. Posteriormente, a Guerra Fria contribuiu decisivamente para essa integração, visto que, num primeiro momento, os Estados Unidos se posicionaram favoravelmente à experiência que se anunciava.

O pontapé inicial fora dado com três modestos países, ainda em 1944, quando, Bélgica, Holanda e Luxemburgo criaram o Benelux, embrião do pro-

## O embrião da União Europeia foi a criação do bloco Benelux entre Bélgica, Holanda e Luxemburgo

**Grã-Bretanha.** De Gaulle (esq.) duvidava dos britânicos; Jean Monnet (dir.) sabia que a ilha um dia se juntaria ao bloco

cesso. Em 1951, o Tratado de Paris fundou a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (Ceca), que visava garantir o acesso às jazidas carboníferas e unificar a produção e comercialização do aço dos seis países membros: Alemanha, França, Itália e o Benelux. Essa iniciativa anunciava tamanha complementaridade entre as indústrias francesa e alemã que inviabilizava qualquer possibilidade de confronto entre as duas rivais potências, que haviam travado três guerras em menos de um século. A integração era pra valer.

### TRATADOS DE ROMA E MAASTRICHT

Porém, o mais marcante momento viria em março de 1957: o Tratado de Roma criou a Comunidade Econômica Europeia (CEE), que passou a ser o mais importante bloco de integração de todos os tempos, composto inicialmente dos mesmos países da Ceca, mas claramente liderado por Alemanha e

França. A Grã-Bretanha foi convidada a participar das negociações de Roma, mas manteve seu isolacionismo. O país reveria sua posição em 1961, quando pediu ingresso à Comunidade, mas foi barrado por Charles de Gaulle. O então presidente francês disse ter "sérias dúvidas sobre a boa vontade britânica". Os britânicos repetiram o pedido em 1967, mas foram vetados novamente.

Para além da busca ininterrupta da integração, os objetivos mais explícitos dos membros da CEE era a criação de uma zona aduaneira com isenção tarifária e estabelecer a Tarifa Externa Comum (TEC), processo que foi consolidado ainda em 1968. Paralelamente à livre circulação de produtos, era fundada com a CEE a Comunidade Europeia de Energia Atômica (Euratom), associação que buscava uma política energética comum para fins pacíficos aos europeus.

A ampliação da Comunidade se daria em etapas, com o ingresso, em 1973,



DONALD UNRBROCK/TIME & LIFE PICTURES/GETTY IMAGES

JERRY DONE/TIME & LIFE PICTURES/GETTY IMAGES

de Grã-Bretanha, Irlanda e Dinamarca, em 1981, da Grécia, e, em 1986, de Espanha e Portugal. É essa Europa dos 12 que daria um ousado passo em 1991.

De 1957 a 1991, a Comunidade Económica Europeia avançou bastante no processo de integração, encaminhando medidas como a eliminação de tarifas alfandegárias, política agrícola comum, com preferência pelos produtos do continente, criação do Sistema Monetário Europeu, que idealizou o euro, fundação do Ato Único, legislação jurídica conjunta e criação do Banco Europeu para Reconstrução e Desenvolvimento (Berd), instituição destinada a auxiliar as economias do Leste Europeu, em transição para a economia de mercado, entre outras iniciativas.

Entre dezembro de 1991 e novembro de 1993, numa série de encontros e reuniões, os líderes europeus encaminharam alterações e avanços no âmbito da integração através da assinatura do Trata-

do da União, mais conhecido pelo nome da cidade holandesa que sediou o evento: Tratado de Maastricht. Esse documento transformou a Comunidade Económica Europeia em União Europeia (UE). Também se anunciou um ousado calendário de atividades, tais como a unificação monetária até 1999, a criação da cidadania europeia e de uma política externa comum, a livre circulação de pessoas no âmbito dos 12 países. Em 1995, entraram na União Europeia Finlândia, Suécia e Áustria. Não foi apenas uma troca de sigla; a partir de Maastricht, a unificação europeia passaria do âmbito até então exclusivamente económico para o político, modificando e ampliando o carácter da entidade que buscava agora maior vociferação na cena internacional.

#### UNIÃO MONETÁRIA

A mais ambiciosa medida da União Europeia se materializaria no primeiro dia de 2002, quando a moeda única entrou

em circulação. O euro surgia para ser uma moeda forte e internacional, passando a concorrer com o dólar norte-americano. Onze dos 15 países adotaram a moeda. Reino Unido, Suécia, Dinamarca e Grécia ficaram fora da Zona do Euro nesse primeiro momento. Por iniciativa do Reino Unido, que seguia resistindo ao aprofundamento da integração, inseriu-se na união monetária uma cláusula que facultava aos países membros a opção de manter suas respectivas moedas nacionais.

Discutiu-se também a proposta de uma aliança militar com vistas a um programa de defesa comum, que poderia reduzir a importância da Otan e a influência norte-americana na Europa. Contudo, esse projeto é ainda muito embrionário. Propuseram-se ainda a unificação das leis trabalhistas, criminais, civis e de imigração e a formulação de uma política externa conjunta.

A maior ampliação da União deu-se



DOMINIC LIPINSKI/AFIP



## Tony Blair foi um premier europeísta convicto, mas errou ao aliar-se à "Guerra ao Terror" dos Estados Unidos

**Dama de ferro.** "Aquilo que cada um quer fazer no seu próprio país não me diz respeito", disse Margaret Thatcher

entre 2005 e 2007, quando entraram 12 novos membros, totalizando os atuais 27. Com exceção de Chipre e Malta, os demais vieram da antiga órbita de influência soviética: Lituânia, Letônia, Estônia, Polônia, República Tcheca, Eslováquia, Eslovênia, Hungria, Bulgária e Romênia. Apesar de seu pedido ter sido feito em 1959, a Turquia ainda está fora na União Europeia.

### ENTRE THATCHER E BLAIR

É notória a diferença de postura entre conservadores e trabalhistas no que tange a uma maior ou menor integração europeia. No período de Margaret Thatcher (de 1979 a 1990) eram evidentes as dificuldades impostas pela "dama de ferro" no sentido comunitário. Sua vocação neoliberal igualmente a distanciava de uma organização onde os partidos socialistas tinham grande influência. Num de suas mais famosas falas, quando ocupou a tribuna europeia, deixou claro o que pensava sobre o assunto: "Tratar de suprimir o conceito de nação e tratar de concentrar todo o poder num organismo europeu seria muito pernicioso. Na Grã-Bretanha lutaremos contra as intenções de introduzir o coletivismo e o corporativismo do nível europeu - aquilo que cada um quer fazer no seu próprio país não me diz respeito".

Por outro lado, nunca a Grã-Breta-

nha se aproximou tanto da integração como na era de Tony Blair (de 1997 a 2007), a ponto de o ex-premier ser candidato ao cargo da Presidência do Conselho de Ministros, o mais alto cargo executivo da União. Apesar de ser um europeísta convicto, Blair tropeçou em 2001 ao aliar-se à "Guerra ao Terror" de seus colegas "falcões" da Casa Branca e, em 2003, ao se meter no atoleiro iraquiano. Tais posturas lhe custaram prejuízos à sua carreira política.

O estreitamento entre Londres e Bruxelas, que caracterizou o governo trabalhista na última década, poderá sofrer um revés com a volta dos *tories*, graças à vitória do líder conservador David Cameron nas eleições de maio de 2010. Apesar dessa nada convincente vitória, os eurocéticos esperam, novamente, ver o Reino Unido mais distante da UE.

Atribui-se aos britânicos a mega-ampliação para o Leste Europeu verificada nos últimos anos. Isso seria uma artimanha para diminuir o peso de Paris e Berlim na comunidade. Outra acusação que carregam e que daria razão a De Gaulle é que a entrada da Grã-Bretanha na Comunidade Econômica Europeia, em 1973, teria como único propósito tumultuar as boas relações franco-germânicas. Insinuações à parte, um fato não deixa dúvidas: Londres é o berço do euroceticismo. ●

DAVID MONTGOMERY/GETTY IMAGES



### Saiba Mais

Fontes sobre o tema

#### LIVRO

CHACON, Vamireh. *A Unificação da Europa*. São Paulo: Scipione, 1993.

#### SITE

<http://europa.eu>